

TRANSPLANTAÇÃO RENAL: UM GRITO DE ESPERANÇA NA DOENÇA RENAL CRÓNICA TERMINAL



Artigo de
CRISTINA JORGE
Presidente da Sociedade
Portuguesa de Transplantação

A 14 de março, celebramos o Dia Mundial do Rim, um momento crucial para consciencializar a população sobre a doença renal crónica (DRC), um problema de saúde pública global que se estima afetar mais de um milhão de pessoas em Portugal.

A DRC pode progredir silenciosamente até ao último estágio. Nesta fase, as opções de tratamento são a diálise, a transplantação renal ou a terapia paliativa (que se reserva para aqueles que, dado a sua precária ou muito frágil condição clínica, as outras opções não são viáveis ou não trazem benefício). A diálise, como terapêutica substitutiva da função renal (TSFR), pode ser feita através da hemodiálise (filtração do sangue) ou da diálise peritoneal (uso da membrana peritoneal, no abdómen, como filtro). A transplantação renal, quando possível, é a melhor opção para o estágio final da DRC, pois permite recuperar a função renal e melhorar significativamente a qualidade de vida e a sobrevivência dos doentes. O acompanhamento médico regular é fundamental para o sucesso do transplante renal. Através deste acompanhamento, a equipa médica pode garantir a função adequada do enxerto, prevenir a rejeição e ajustar a medicação imunossupressora, contribuindo para a melhor saúde e qualidade de vida do doente.

O programa de transplantação renal português destaca-se no panorama internacional pela sua excelência. Diversos fatores contribuem para este sucesso, como a elevada qualidade e o empenho dos profissionais da área, a organização eficiente do sistema de apoio à técnica e a implementação do consentimento presumido. Este último garante que todos os cidadãos, a não ser que manifestem o contrário em vida, são considerados potenciais doadores de órgãos após a morte. No nosso país, existe a possibilidade de transplantação a partir de dador falecido (dador com critérios de morte cerebral ou por paragem cardiocirculatória (PCC) não controlada) ou a partir de dador vivo. A doação em vida tem constituído cerca de 10 a 15% do número total de transplantes renais em Portugal. A título de exemplo, em 2022, foram transplantados 495 rins (sendo 28 provenientes de dador em PCC e 58 de dador vivo). No entanto, apesar do aumento do número de transplantes renais nos últimos anos, ainda há cerca de 2.000 doentes em lista de espera.

Devido à escassez de órgãos para transplante, os critérios de aceitação dos mesmos têm vindo a ser alargados a doentes mais idosos e, em alguns países, a doentes em que a morte resultou de paragem cardiocirculatória controlada (como é o caso dos doentes que estão em unidades de cuidados intensivos em estado terminal, dependentes de suporte de vida externo, e em que se esgotaram todas as alternativas terapêuticas). Nos países em que estas últimas colheitas são permitidas, verificou-se um aumento significativo do número de transplantes. Na nossa vizinha Espanha, esse aumento foi superior a 25%. Em Portugal, o aumento de órgãos disponíveis poderá passar por incrementar as colheitas em todos os tipos possíveis de doação (dador falecido e dador vivo). O Dia Mundial do Rim, celebrado em 14 de março, é uma oportunidade para sensibilizar a população para a importância da saúde renal. Este ano, o tema "Saúde Renal para Todos" visa promover o acesso equitativo aos cuidados e à otimização da medicação.

A DRC é um problema de saúde pública que exige atenção urgente. Através da prevenção, do diagnóstico precoce e do acesso a tratamento adequado podemos reduzir o impacto da doença e melhorar a vida de milhares de pessoas. No estágio final da doença, a transplantação renal pode ser a sua tábua de salvação. É por isso crucial aumentar a consciencialização de todos nós para a importância da doação de órgãos e da transplantação.